

Editorial

FILOSOFIA NO BRASIL: CAMINHOS

Mais uma vez a Revista **Reflexão** aborda a temática da Filosofia no Brasil, sabendo de antemão não ter sido ela a inaugurar tal debate, mas disposta a se colocar como um canal aberto à livre manifestação de uma preocupação que tomou conta daqueles que, de alguma forma, se dedicam à atividade filosófica neste país.

A Filosofia se auto-interroga e é curioso que consiga fazê-lo sem se voltar apenas para o seu próprio umbigo, isto é, sem ocupar-se exclusivamente da investigação sobre seu próprio estatuto enquanto saber rigoroso ou da coerência e racionalidade de suas elaborações. Agora o que está em pauta é a possibilidade do encontro da teoria filosófica com determinada realidade histórico-social e as prováveis repercussões disso, inclusive sobre a própria teoria.

Não é legítimo escamotear a questão sob o pretexto de que a Filosofia é universal. O discurso do universal pode ser mistificador. A ciência histórica já descobriu isso há algum tempo, tanto que um dos seus conceitos mais polêmicos é o de “história universal”. E, mesmo na Filosofia, quantas vezes o universal se construiu sobre a escamoteação das diferenças? Durante muitos séculos ele só conseguiu se edificar sobre categorias como repouso, identidade e não-contradição. Acaso não será fundamental tematizar o movimento, a alteridade, a contradição?

Não se trata também de defender nenhum nacionalismo filosófico ou assumir uma postura xenófoba. A experiência brasileira, nessa direção, num passado recente nos atesta que o nacionalismo, dependendo da forma sob a qual se apresente, pode ser mistificador tanto quanto o universalismo.

A polarização dessas duas perspectivas, a defesa de uma implicando a exclusão da outra, redundará numa contenda estéril que pouco contribui para o incremento da produção filosófica no Brasil. Daí a necessidade de rever certos dogmatismos: receber influências de sistemas elaborados nos grandes centros de pensamento europeus não significa obrigatoriamente simples mimetismo ou dependência intelectual, assim como a proposta de uma reflexão comprometida com o contexto em que ela surge não conduz compulsoriamente à negação da especificidade do discurso filosófico ou à sua dissolução no discurso sociológico, político etc. O

verdadeiro desafio consiste em repensar essas relações a partir dos novos parâmetros colocados tanto pelo desenvolvimento econômico-político-social como pela controvérsia existente hoje no campo ideológico.

Por isso, a nossa intenção é abrir um debate e não fechar uma questão definindo a priori o que seja a Filosofia no Brasil. No fundo, o que está em discussão é a relação dialética entre o universal e o particular, quer dizer, o sentido do universal na Filosofia e a forma da sua possível elaboração num espaço histórico social delimitado.

Se o homem compreende a realidade da perspectiva em que está situado, que compreensão poderemos ter do homem e do mundo a partir das determinações que configuram o nosso modo de ver? Vale a pena buscar o caminho, principalmente quando existe a suspeita de que ele conduz a algum lugar.

A Redação